

FOTOGRAFIA, INFÂNCIA E MEDIAÇÃO DOCENTE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID/ARTES VISUAIS

MELISSA MACHADO ARAUJO¹; RAQUEL CASANOVA DOS SANTOS WREGE²;

LISLAINE SIRSI CANSI³;

¹Universidade Federal de Pelotas – araujomelissa0301@gmail.com

²EMEI Ruth Blank – raquel.wrege@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – lislaine.cansi@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo relatar e analisar uma experiência pedagógica desenvolvida por integrantes do Núcleo 2 de Artes Visuais – Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas (UFPe), no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A prática foi realizada junto a uma turma de Pré II (crianças de 4 a 5 anos), na Escola Municipal de Educação Infantil Ruth Blank, em Pelotas/RS, durante o mês de março e início de abril de 2025. A proposta teve como eixo central a fotografia, compreendida como linguagem artística capaz de instigar a observação, a sensibilidade e a expressão criativa das crianças.

A relevância desta experiência reside na possibilidade de integrar práticas contemporâneas de Artes Visuais ao contexto da Educação Infantil, ampliando o repertório estético e cultural das crianças, bem como refletindo sobre metodologias de ensino e mediação docente na formação inicial. A linguagem fotográfica, especificamente, dentro e fora das salas de aula, em seu entrelaçar de teoria e prática, revela-se como uma poderosa aliada nos processos de construção reflexiva e crítica do conhecimento, fomentando transformações e aguçando a percepção, por isso, deve ser experienciada enquanto possibilidade artística desde a educação infantil. Pois “embora em certo sentido a câmera de fato capture a realidade, e não apenas a interprete, as fotos são uma interpretação do mundo tanto quanto as pinturas e os desenhos” (Sontag, 2004, p.9).

Com a popularização dos smartphones, a fotografia tornou-se um gesto cotidiano e acessível, mas isso não significa perder sua potência. Por isso, a defesa de seu uso na escola, especialmente nas aulas de arte, como recurso pedagógico, crítico e reflexivo. Em vez de reforçar a automatização da era digital, a fotografia pode estimular pausas, pensamento crítico e escolhas conscientes diante da enxurrada de imagens que marcam a vida de crianças e jovens de forma cada vez mais precoce.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A proposta de trabalho foi construída em parceria entre a supervisora da escola, Raquel Wrege, e as pibidianas Melissa Araujo e Emily Moura, e

desenvolveu-se nos dias 26/03, 04/04 e 09/04, em encontros de dois períodos cada (1h30min por aula), com um grupo de quinze crianças.

Para contextualizar a prática, inicialmente foram apresentadas, de forma dialogada e impressa, fotografias da artista gaúcha Rochele Zandavalli, nascida em Garibaldi/RS. A obra de Rochele articula diferentes linguagens, reunindo tecnologias, fotografia em perspectiva expandida, práticas fotoquímicas e processos experimentais. Investiga a força da memória presente nas imagens e a trajetória das representações visuais, explorando anacronismos por meio de conexões entre tempos distintos, lembranças e projeções. A apreciação das imagens teve como objetivo provocar a sensibilidade e mostrar possibilidades artísticas diferentes da pintura e do desenho.

Na sequência, a turma teve contato com diferentes dispositivos de registro fotográfico disponibilizados pelas docentes (câmeras digitais, celulares e tablet) e conversamos sobre a presença desses equipamentos em suas vivências, a relação que as famílias tinham com a fotografia, se havia álbuns de fotos em suas casas e se eles tinham contato com celulares e com qual finalidade. De forma prática, as crianças exploraram esses recursos primeiro dentro da sala de aula, fotografando colegas, e posteriormente no pátio da escola, ampliando o olhar para a paisagem e para os outros em um exercício coletivo de experimentação e troca. Os estudantes não apenas apertaram um botão e fizeram uma foto, mas conversaram entre si, observaram uns aos outros e o entorno, descobriram novas possibilidades. Ou seja, remontando à ideia de LARROSA (2002), o ato fotográfico não apenas aconteceu, mas os atravessou e pudemos presenciar as reverberações de tal experiência.

Figura 1: *Exploração*, 2025
Figura 2: *Prática externa*, 2025



Fonte: acervo das autoras.

No encontro seguinte, os registros produzidos foram projetados em slides no multimídia da escola, permitindo que a turma pudesse apreciar suas próprias imagens, quase como uma sessão de cinema. Esse momento foi marcado por entusiasmo e emoção, com as crianças reconhecendo colegas, cenas e expressando alegria ao identificar-se como autoras das fotografias. Nessa reflexão sobre o fotografado, compartilharam os seus resultados e experienciaram o momento por completo.

Além disso, para finalizar a proposta, algumas imagens foram impressas em preto e branco na escola, possibilitando o processo de intervenção fotográfica

inspirado nas obras da artista apresentada. Esse conceito foi explorado como a possibilidade de recriar e ressignificar uma imagem, a partir de materiais diversos disponibilizados pela instituição como: cola com glitter, canetinhas e lápis de cor. Além de folhas de árvores que haviam sido coletadas no pátio em outra aula. Foi possível trabalhar questões de identidade e identificação, pois as crianças pintavam e colavam elementos que as representavam, além da prática também estimular a criatividade e imaginação.

Figuras 3 e 4: *intervenção nas fotografias impressas, 2025*



Fonte: acervo das autoras

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência possibilitou observar como a fotografia, enquanto linguagem artística, pode constituir um recurso potente na Educação Infantil para estimular a sensibilidade, a criatividade e a expressão das crianças. O processo de olhar, registrar, compartilhar e intervir nas próprias imagens favoreceu a construção da autonomia e a valorização da autoria, além de ampliar o repertório estético, artístico e cultural do grupo. Esses recortes de mundo que o olhar através da câmera possibilita também contribuem para uma lembrança significativa do momento, pois “fotografar é atribuir importância” (Sontag, 2004, p. 21) e a escolha de cada elemento fotografado conta uma história.

Para as PIBIDIANAS, a vivência representou uma oportunidade significativa de articulação entre teoria e prática, contribuindo para a reflexão sobre metodologias de ensino em Artes Visuais, a importância da mediação docente e o papel das linguagens contemporâneas na escola.

Dessa forma, a prática reafirma o potencial do PIBID como espaço formativo, fortalecendo a qualificação da docência e a inserção das artes no cotidiano escolar.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista brasileira de educação, p. 20-28, 2002.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia.** Editora Companhia das Letras, 2004.



ZANDAVALLI, Rochele. **Site oficial.** Disponível em:
<https://www.rochelezandavalli.com/>. Acesso em: 20 ago. 2025.